

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas Class.: 1216

Data: 06/01/90 Pg.: _____

Operação na área dos índios Yanomami pode ser um fracasso

BOA VISTA — A "Operação Yanomami", uma ação de guerra planejada pela Polícia Federal para expulsar a partir de domingo quase 45 mil garimpeiros que exploram ouro em áreas dos índios yanomamis, em Roraima, virou um grande circo. A 24 horas da data marcada para o início da operação, nenhum agente federal desembarcou em Boa Vista, a FAB não deslocou aeronaves para a capital de Roraima, a divisão regional da Polícia Federal não recebeu instruções de Brasília sobre a ação e os vôos para os garimpos do Estado estão liberados.

O comandante da guarnição do Exército, coronel Luís Francez, não recebeu qualquer informação sobre como proceder. O Comando Militar da Amazônia, com sede em Manaus, nada soube informar e nem mesmo os homens da Funai confirmam o início da operação para domingo. Muito irritado, o governador Romero Juca Filho convocou a imprensa na tarde de ontem para avisar que

não apóia a ação da Polícia Federal e que vai responsabilizar a União "por qualquer dano que venha a ocorrer ao povo de Roraima". Até ontem à noite, Juca não havia recebido qualquer informação de Brasília sobre a retirada dos garimpeiros.

"Essa operação vai ser um desastre. Da maneira como foi traçada não terá qualquer sustentação", atacou o governador, em coletiva para correspondentes e enviados especiais de grandes órgãos de comunicação do País. A população da capital de Roraima, acostumada apenas ao movimento de garimpeiros nos hotéis, restaurantes e lojas da cidade, assiste perplexa ao circo montado em torno da operação. Em todas as esquinas de Boa Vista, o assunto mais comentado é a possível expulsão dos garimpeiros.

"Eu ainda não fui informado de nada", resume o diretor da Polícia Federal em Roraima, delegado Ro-

naldo Glauco. Da mesma forma, o delegado regional da Funai, José Maria Nascimento, não recebeu instruções para domingo. O aeroporto de Boa Vista está operando normalmente com os pequenos aviões que servem aos garimpos, apesar de ser notório que uma das fases da operação é a interrupção desses vôos. As outras 105 pistas clandestinas utilizadas pelos garimpeiros também. Com isso, a alimentação aos garimpeiros está chegando sem obstáculos.

Apesar da tensão nos garimpos com a notícia da expulsão, os garimpeiros seguem seu trabalho de exploração do ouro, aguardando a hora da chegada dos agentes federais. Não há ameaças de resistência. "Nós vamos apenas cruzar os braços caso os policiais decidam invadir as pistas. Ninguém vai caminhar até as aeronaves para o embarque. Se eles quiserem, que nos coloquem lá", prega o líder José Altino Machado, presidente da União dos Sindicatos e As-

sociações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal).

Em duas áreas citadas no plano de expulsão como bases de evacuação — Surucucus e Paapiu — já não existem mais garimpeiros. Deliberadamente, atendendo a um pedido da Usagal, os garimpeiros que trabalhavam nessas áreas evacuaram as pistas e a maioria voltou para suas cidades de origem. A operação Yanomami não tem também o apoio da comunidade de Boa Vista, já acostumada com os garimpeiros. Através de seus representantes, 17 entidades empresariais e trabalhistas manifestaram repúdio à expulsão dos garimpeiros e exigiram o ordenamento da atividade mineral no Estado. "O garimpeiro não pode ser caçado por policiais armados como se fosse um bandido ou um animal selvagem. Ele é um brasileiro, trabalhador e pai de família. Por isso merece todo o respeito", disse o presidente da Associação Comercial e Industrial de Roraima, Rubem Lima.

Estrada será aberta em reserva indígena

BRASÍLIA — O presidente José Sarney decidiu manter a extensão de 38 quilômetros da rodovia que o grupo Paranapanema tem dentro da reserva indígena Waimiri-Atroari, no Amazonas, para chegar à mina de Pitíngua, que explora estanho. Com isso, Sarney negou o pedido e interdição daquela estrada, encaminhado à Funai, através da Procuradoria Geral da República, atendendo à argumentação de antropólogos, segundo a qual aquela rodovia era resultado de um acordo irregular que prejudicava os índios.

O presidente manteve a exploração da rodovia ao aprovar parecer do consultor-geral da República, Clóvis Ferro Costa, publicado no Diário Oficial da União, que circulou ontem. De acordo com Ferro Costa, os benefícios da mina de estanho (a maior do mundo segundo informações que o consultor-geral diz dispor) são muito importantes para os índios daquela região. Ele argumentou que aquela mina produz divisas da ordem de US\$150 milhões, dos quais US\$2 milhões ao ano são destinados aos índios como pagamento de royalties.

Na verdade, a rodovia que liga a mina à BR-174 (Manaus-Caraçari) tem 77 quilômetros de extensão, mas só 38 quilômetros atravessam a reserva Waimiri-

Atroari, segundo o parecer de Ferro Costa. Ele considerou também muito extensa a área da reserva, que chega a 24 mil quilômetros quadrados, segundo destacou, maior do que o Estado de Sergipe e quase do tamanho de Alagoas.

Doença

Cuiabá — Uma nova doença está atingindo os índios Suruí, cuja reserva está localizada entre os Estados de Rondônia e Mato Grosso. Trata-se da Paracoccidioidomicose, um fungo comum nas florestas tropicais que se aloja nos pulmões e se transforma em parasita, alastrando-se posteriormente por todo corpo, até levar à morte. Foi o que revelou o superintendente regional da Funai, José Silvério da Silva, informando a chegada de uma equipe da Fundação Oswaldo Cruz, chefiada pelo médico Carlos Coimbra, que deverá deslocar-se, para a área com o objetivo de realizar um inquérito sorológico em todos os integrantes do grupo.

De acordo com o chefe da equipe de técnicos da Fiocruz, a Paracoccidioidomicose é uma doença de difícil detecção, uma vez que seus sintomas são muito parecidos com os da tuberculose, outra doença que tem atingido sobremaneira os Suruí.